
O sensível e o inteligível na educação
Resenha: DUARTE JR. João-Francisco. *O*
sentido dos sentidos: a educação (do)
sensível. Curitiba: Criar, 2001, 225 p.

Josélia Schwanka Salomé

Doutora em Artes pela Universidade Estadual de Campinas - UNICAMP

Docente do Programa de Mestrado e Doutorado em Educação - Universidade Tuiuti do Paraná

O livro *O sentido dos sentidos: a educação (do) sensível* (2001) do autor João-Francisco Duarte Junior discute a chamada Crise da Modernidade e as relações com a educação e a arte. A obra possui 225 páginas.

Com esse material, João-Francisco Duarte Junior realiza um estudo do nosso cotidiano, explorando questões que possam nos parecer comuns nas relações entre homem e sociedade, mas que na abordagem do autor se abrem novas perspectivas de investigação sobre as relações entre a educação e a estética.

O livro está organizado em seis partes. O autor inicia apresentando os significados da palavra sentido, ressaltando as duas formas do ser humano conhecer, por meio de conhecimento inteligível e do saber sensível. O conhecimento inteligível diz respeito a como o mundo é pensado por nós e o saber sensível seria como o nosso corpo conhece o mundo. Na continuidade da apresentação da obra, o autor salienta a pretensão de “questionar o tipo de conhecimento que se edificou *na e com* a modernidade.” (p.33)

A segunda parte intitulada *O Sentido da nossa crise (modernidade)* apresenta a constituição do mundo moderno e a valorização de uma razão instrumental tendo como fio condutor o processo de instauração da modernidade com a matematização do mundo.

As indagações acerca do conhecimento que caracterizou a Idade Moderna e que "implicou numa pretensa exclusividade do intelecto sobre as formas sensíveis do saber." (p.55) tornam-se o eixo da análise, desdobrando-se em outras questões durante o transcorrer do livro.

Na terceira parte, *A Crise de nossos Sentidos (anestesia)*, João Francisco Duarte Junior desdobra-se sobre a contradição do eu na sociedade contemporânea e traça um percurso histórico de como o homem perdeu a direção do sentir. Neste momento o autor retoma os aspectos pertinentes à discussão que dizem respeito à Revolução Industrial e o processo de reeducação do corpo, salientando que neste processo o corpo é educado para se voltar aos fins da industrialização em favor da produtividade e da eficácia. O homem passa a acreditar que é mais uma peça na grande engrenagem do desenvolvimento industrial, o que corrobora para o título do capítulo que traz a anestesia como eixo de análise. O autor defende a tese que "atravessamos hoje uma crise do modo moderno de ser, a qual, sem dúvida, precisa ser pensada, equacionada e resolvida

para que se encontrem novos rumos até um provir mais equânime para o gênero humano." (p. 71).

Esta discussão sobre a anestesia abre a quarta parte do livro intitulada *O sabor sensível (estesia)*. Aqui o autor nos provoca a exercitar a reflexão e a buscar nas nossas vivências o que constituiu parte da nossa identidade com a primeira frase do seu texto: "Quando a cabeça não pensa o corpo padece", preceitua o antigo ditado. Entretanto, parece não ser menos verdadeiro o fato de que quando só a cabeça pensa o corpo fenece." (p.125).

Aqui, a distinção ente conhecimento inteligível e saber sensível são os eixos norteadores apontando para as atividades do corpo serem consideradas como inferiores diante do conhecimento racional. O autor salienta que o saber reside na totalidade do ser e não na fragmentação e tece críticas à percepção prática do mundo na qual se busca a utilidade das coisas apontando para a importância da experiência estética, da estesia, como forma de produzir sentido ao mundo.

As discussões sobre a educação estética tomam corpo neste capítulo com a afirmação do autor de que "tomar o sensível como fundamento de um processo educacional, portanto, não tem a ver apenas com os níveis elementares da educação, com a formação da criança e do jovem exclusivamente, mas pode se estender ao longo da vida dos indivíduos e da sociedade como um todo." (p. 157).

O conhecimento é produto do inteligível e do saber sensível que partem da sensibilidade corporal mais básica até o pensamento abstrato.

Na última parte que precede as considerações finais, o autor aborda a importância do particular e do universal na educação de um homem integral. Neste capítulo intitulado *A Educação (do) Sensível (saborear)*, discute-se o progressivo apartamento do sensível e do inteligível no percurso do conhecimento humano especialmente no século XX.

Para o autor, a educação estética é fundamental não apenas para a vivência mais plena do cotidiano, mas para os profissionais das diversas áreas. Cabe aqui ressaltar a seguinte afirmação: “Uma educação que reconheça o fundamento sensível de nossa existência e a ele dedique a devida atenção, propiciando o seu desenvolvimento, estará, por certo, tornando mais abrangente e sutil a atuação dos mecanismos lógicos e racionais de operação da consciência humana.” (p. 171). A educação estética seria, portanto, fundamental para a redução da tendência destrutiva e alienante do progresso regido pelo capital.

A conclusão tirada por João Francisco Duarte Júnior se apresenta no livro como *Considerações Finais (“Inconclusões”)* numa clara alusão que ainda há muito por se escrever sobre a educação (do) sensível, pois

Se à arte cabe o papel de instrumento para a educação da sensibilidade e para a descoberta de uma outra forma de significação que não a conceitual, parece necessário que sua inserção em processos educacionais se faça em estreita comunhão com o desenvolvimento de valores éticos e de um raciocínio lógico. (DUARTE JR., 2001, p. 213)

Ao final parece que as questões apontadas pelo autor continuam presentes nas discussões acadêmicas especialmente nas áreas da educação e da arte.

Duarte Júnior não tem a intenção de formular uma proposta de educação em termos metodológicos, mas sim de ressaltar a importância de que se resgatem os saberes oriundos dos sentidos no processo de apreensão do mundo. Essa educação estética não se restringe à escola, integrando-se à vida numa educação ampla dos sentidos, na qual o conhecimento inteligível é apenas uma parte de um todo maior, articulado que está ao saber sensível.